

DISCURSO DA SOCIOLINGUÍSTICA NA ESCRITA ACADÊMICA: IMPRESSÃO DE UM DIZER

Elza Maria Silva de Araújo Alves
(UFRN/GETED)
(elza.alves29@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

Este artigo investiga a produção escrita no ensino superior, mais especificamente, a constituição do discurso da sociolinguística na escrita de dissertação de mestrado no período de compreendido entre quatro décadas. Partimos do pressuposto de que o discurso nas pesquisas em sociolinguística tende a imprimir um dizer outro. Isso porque o discurso adquire sentido em referências ao campo histórico-social e de formações discursivas, no qual está inscrito a posição daquele que escreve.

Estabelecemos como pergunta de pesquisa a seguinte indagação: o que está impresso no discurso das pesquisas em sociolinguística que dificulta a transformação de um dizer? Para responder a esse questionamento, tomamos como base os aparatos teóricos de Authier-Revuz (1998, 2004) no que confere à heterogeneidade enunciativa, isto é, as formas reflexivas do dizer que se referem ao campo das não coincidências do dizer, formas linguísticas *inventariáveis*, as quais, os enunciadores empregam para responder aos encontros que promovem nas palavras que enunciam através de laços metaenunciativos que demonstram um dizer pontualmente atravessado por um discurso não coincidente com ele mesmo; e no que se refere à noção de interdiscurso, proposta por Pêcheux (2010). Para esse autor, o lugar de constituição de um sentido escapa à intencionalidade do sujeito, uma vez que o indivíduo é interpelado pela ideologia em sujeito e, isso é realizado por meio das formações ideológicas, ou melhor, realiza-se pelo complexo das formações discursivas.

A partir da noção do interdiscurso e da teoria lacaniana de um sujeito dividido pela linguagem, estruturalmente clivado pelo inconsciente, Authier-Revuz (1998) sistematizou duas concepções de sujeito: um sujeito efeito do dizer, sujeito produzido pela linguagem. O dizer, nesse sentido, não é transparente para o enunciator; e o sujeito fonte intencional de sentido, que fala por meio de uma língua, compreendida como instrumento de comunicação. Sujeito considerado capaz de representar sua enunciação e o sentido que ela produz.

Diante desse contexto, objetivamos analisar o discurso que está impresso na escrita de dissertação de mestrado acerca da sociolinguística para buscar marcas da produção de conhecimento ou de sua representação e, verificar se houve mudança na escrita desse discurso, considerando o período em que cada uma foi defendida.

Ressaltamos que entendemos produção de conhecimento como a escrita em que o autor mostra-se implicado subjetivamente com o texto. A posição assumida pelo pesquisador não é a de reprodução de uma teoria, de um modelo, mas a de mobilizar os textos lidos e as teorias estudadas de modo a transformá-los em novas configurações de sentidos, surgidos por meio do trabalho de análise e da reflexão de uma pesquisa.

A relevância desse trabalho é que traz uma reflexão e análise da escrita acadêmica que está representada nas pesquisas em sociolinguística no período de quatro décadas. Acreditamos que nesse nível de escrita, o autor-pesquisador deve ter a condição de representar seu dizer,

moldando-o a suas intenções discursivas; produzindo o novo baseado no *já-dito*. Mostrando-se implicado com seu dizer e se responsabiliza pelo dito.

Adotamos como critério para a escolha das dissertações: ser da área de linguística, tratar do discurso produzido acerca da sociolinguística e, cada uma ser defendida em uma década distinta. Isso se justifica pelo fato de estarmos analisando o discurso acerca da sociolinguística ao longo de um período, para verificar se houve mudança na cena enunciativa desse discurso.

Os dados analisados foram selecionados a partir de um levantamento de dissertações de mestrado produzidas em diferentes programas de pós-graduação do Brasil disponíveis no Portal Domínio Público – CAPES. Para melhor organizar a análise dos dados, denominamos cada um dos trabalhos: TP1/1979 (Trabalho de Pesquisa Um/1979), TP2/1983 (Trabalho de Pesquisa Dois/1983), TP3/2004 (Trabalho de Pesquisa Três/2004) e TP4 (Trabalho de Pesquisa Quatro/2011).

Na primeira parte, analisamos as marcas que indiciam se o discurso presente na escrita dos trabalhos de pesquisa produz ou representa um dizer e, na segunda verificamos se o discurso impresso nessa escrita tende a variar ou não, ou seja, a transformar em novos significados um dizer. Por último trazemos nossas conclusões.

2. Marcas linguísticas impressas na escrita de dissertação acerca da sociolinguística

Este estudo tem como princípio a noção de interdiscurso proposta por Pêcheux (1993) que explicita a Análise do Discurso (AD) em três momentos, e na questão da autorrepresentação do dizer postulada por Authier-Revuz (1998, 2004).

Com relação à proposta de Pêcheux, explicitamos os três momentos, os quais vislumbramos os objetivos desse estudo. Na primeira, a produção discursiva é vista como uma *máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma*. Nela, o sujeito acredita ser *produtor de seus discursos*, quando, na verdade, o sujeito é apenas assujeitado. A segunda postula um conceito de língua natural como “a base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de pessoas discursivas justapostas”. (PÊCHEUX, 1993, p 314). E na terceira, tem importância fundamental dentre outros aspectos, o diálogo que Pêcheux travou com Authier-Revuz (1998), acerca dos processos enunciativos, por conseguinte sobre a subjetividade.

Nessa fase, a concepção de sujeito é marcada pela posição que este assume no discurso, ou seja, o lugar de onde ele fala, o qual é caracterizado como uma formação discursiva, de ordem discursiva e ideológica. Além de dialogar com Authier-Revuz, Pêcheux também é tocado pelas leituras dos textos de Michel Foucault, podemos constatar isso, quando o autor referir-se às práticas sociais discursivas, refere-se também as práticas sociais, visto que o discurso envolve condições histórico-sociais de produção, inclui também no contexto sócio histórico e ideológico as condições de produção de bens materiais e as (re) produção das próprias condições de produção.

A terceira fase é fortemente influenciada pela noção de sujeito clivado pelo inconsciente, que leva à heterogeneidade constitutiva do discurso. A partir disso, a Análise do Discurso abre espaço para a reflexão sobre o discurso como acontecimento na estrutura, possibilitando refletir, então, sobre a relação entre discurso e fala: o discurso visto como a instância que comporta a ordem da estrutura, e a fala como instância que comporta o acontecimento.

Partindo da noção de interdiscurso, Authier-Revuz (1998, p. 169-170) propõe discutir a questão da autorrepresentação do dizer, postulado por Pêcheux (2010, p. 154), para quem o lugar de constituição de um sentido escapa à intencionalidade do sujeito, e da teoria lacaniana, de um sujeito produzido pela linguagem, estruturalmente clivado pelo inconsciente.

Assim, a autora deparou com a problemática do sujeito e sistematiza duas concepções de sujeito: uma que ela chama de sujeito-origem do dizer e outra que chama de sujeito-efeito do dizer. Se apoiarmos-nos em um sujeito-origem, aquele da psicologia e de suas variantes neuronais ou sociais; fonte intencional do sentido que ele exprime, através de uma língua, instrumento de comunicação das abordagens pragmático-comunicacionais, é então coerente considerar que o enunciador tem possibilidade de representar sua enunciação e o sentido que ele nela produz, e que pode lhe ser transparente. Nesse caso, é possível considerar que as formas de representação que os enunciadores têm de seu próprio dizer sejam um reflexo direto do real do processo enunciativo. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 169).

No primeiro caso, a metaenunciação, as heterogeneidades enunciativas e as não coincidências do dizer devem ser interpretadas como uma manifestação explícita do controle discursivo exercido pelo enunciador. Tem-se como referência um sujeito fonte intencional de sentido, que fala por meio de uma língua, compreendida como instrumento de comunicação. Sujeito considerado capaz de representar sua enunciação e o sentido que ela produz. As formas de representação que esse sujeito usa para representar seu próprio dizer são um reflexo da realidade do processo enunciativo. Nesse caso, se relacionássemos a escrita do trabalho de pesquisa, teríamos uma produção do conhecimento, o autor utiliza-se de estratégias linguísticas que demonstram a implicação com o dizer.

Na segunda concepção, os exteriores teóricos tiram o sujeito do centro de seu dizer. Tem-se, nesse caso, um sujeito produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente. O dizer, nesse sentido, não é transparente para o enunciador. O sujeito-pesquisador tende, nesse caso, a representar um dizer, um modelo, a repetir um dizer, não demonstrando implicação com o dito.

Tratando-se ainda do interdiscurso, afirmamos que este envolve a dimensão vertical não linear do dizer em relação à rede de formações discursivas em que este se insere. Para compreender esse nível, Pêcheux (2010) formula duas noções que são articuladas: a do pré-construído e a da articulação. Nas palavras do autor,

O “pré-construído” corresponde ao “sempre já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (“o mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*. (PÊCHEUX, 2010, p. 151).

Esses níveis configuraram a propriedade da flexibilidade metaenunciativa da linguagem.

Authier-Revuz (2004) especifica as formas de representação da enunciação, ou as formas metaenunciativas, em subconjuntos de flexibilidade do dizer sobre ele mesmo que singulariza as formas da modalização autonímica:

1. formas metaenunciativas, *isoláveis*, que na escrita, funciona como um comentário que é realizado sobre um *já-dito*, e que, assim, é duplicado por uma representação desse *já-dito*.
2. formas *estritamente reflexivas*, que correspondem a um desdobramento – no conjunto de um ato único de enunciação.
3. formas *opacificantes* da representação do dizer, em que o elemento da enunciação, ao qual elas se referem, é um elemento da cadeia que associa significante e significado – bloqueando a sinonímia.

Essa flexibilidade da linguagem aponta para quatro campos de não coincidência ou de heterogeneidade em que o dizer se representa como localmente confrontado com pontos em que alterado, ele se desdobra: a não coincidência interlocutiva entre o enunciador e o destinatário, a não coincidência do discurso com ele mesmo, a não coincidência entre as palavras e as coisas e a não coincidência das palavras com elas mesmas.

Tomamos como parâmetros esses conceitos para analisar os fatos enunciativos selecionados do *corpus*. Para este trabalho, elegemos um excerto de cada dissertação. Apresentamos no quadro que segue o ano em que cada pesquisa foi defendida e os objetivos de cada uma, para situar melhor leitor.

Após o quadro apresentamos os fatos enunciativos selecionados com a respectiva análise.

Dissertações e ano de defesa	Trabalho de Pesquisa – TP1/1979	Trabalho de Pesquisa – TP2/1983	Trabalho de Pesquisa - TP3/2004	Trabalho de Pesquisa – TP4/2012
Objetivo	Verificar se a escola exerce influência sobre a linguagem oral.	Estudar a língua não dissociada do contexto da cultura e da sociedade, preocupando-nos com as variações do sistema linguístico, (...)	Identificar e analisar as atitudes linguísticas de alguns estudantes oriundos do interior paulista, pois supomos que esses estudantes estão acobertando a pronúncia estigmatizada.	Investigar a relação do material didático (..), com as políticas linguísticas governamentais postas em circulação pelos PCNEM, PCNEM +, OCEM e PNLEM.

Nos fatos enunciativos que seguem, analisamos marcas que evidenciam na escrita a implicação do pesquisador com o conhecimento. Tais fatos foram selecionados da parte da análise dos dados dos trabalhos de pesquisa: TP1/1979, TP2/1983, TP3/2004 e TP4/2012.

Fatos Enunciativos:

(1) TP1-1979: Esta última observação que fizemos e com relação aos informantes mais velhos de oitava série *parece coerente com os resultados de Labov (1979) com falantes de Nova York de referência ao processo de aquisição do inglês padrão*. O autor reconhece seis estágios processo que se inicia pelo domínio das regras gramaticais básicas e do léxico do inglês falado, quando a criança consegue se comunicar com os pais e as pessoas mais próximas, e atinge o estágio denominado Totalidade da Amplitude em que o falante adquire consistência no uso amplo de estilos apropriados a situações. [...]. A “variação estilística” é a fase em que os adolescentes começam a aprender a modificar sua fala em direção ao padrão de prestígio, em situação formais e, em certo grau, na fala casual. O autor salienta a decisiva influência da escola para essa aprendizagem. *Para* os adolescentes de nível sócio econômico baixo, que gravamos, a permanência na escola *parece* fator básico para eles alcançarem os estágios de “percepção social” e “variação estilística”.

No fato enunciativo do TP1, que objetiva verificar se o discurso da escola exerce influência na linguagem oral dos alunos, percebemos pelo excerto da pesquisa que há uma recorrência a um discurso de alteridade. Observado quando o pesquisador se refere aos resultados que o teórico (Labov) encontrou na pesquisa em “Nova York”. Tal recurso, característico da escrita acadêmica, serve para dar sustentabilidade ao que está dito antes ou que vai ser dito. São formas reflexivas que correspondem a um desdobramento enunciativo,

realizado por uma relação de interação com o outro (o teórico). O pesquisador afirma algo se baseando em outro dizer.

No enunciado que segue após esse dito, ou seja, quando se tem: “O autor reconhece seis estágios [...]”. Temos uma representação do dizer de Labov. Não com as palavras do teórico, mas desdobrado a partir de um comentário transparente do dizer.

Nesse movimento, o sujeito-pesquisador é interpelado pela formação discursiva, uma vez que os fatos do discurso outro são inscritos no discurso do próprio sujeito. Acreditamos ter nesse trecho uma efetivação da forma sujeito efeito do dizer.

No fragmento: *Para os adolescentes de nível sócio econômico baixo, que gravamos, a permanência na escola parece fator básico para eles alcançarem os estágios de “percepção social” e “variação estilística”*. O conector *para* demonstra uma finalidade da gravação e indica o discurso do pesquisador, entretanto perpassado por outro dizer. O verbo “parece” denota uma ideia de semelhante, na verdade, no caso do fato enunciativo indica possibilidade de que os alunos de nível sócio econômico permaneçam na escola para alcançarem percepção social e a variação estilística. Assim, apesar de concordar com o dito do teórico, a relação entre os dizeres, demonstra que o resultado da pesquisa não está propriamente de acordo com o do teórico, apesar do pesquisador tentar na análise dos dados encontrar algo semelhante entre o seu objeto de pesquisa com o objeto investigado na teoria, na qual o trabalho se centra. Nessa pesquisa, há uma representação do dizer, conseqüentemente o discurso tende a produzir um sentido de representação do conhecimento.

Vejamos o fragmento (02) de TP2

TP2/1983: *Cabe aqui dizer que esta simplificação das flexões verbais e nominais constitui a nota típica da Linguagem popular brasileira. Sobre este assunto diz Gladstone Chaves de Melo (1977, pg. 103):*

"Porque a redução de flexões na fala popular brasileira representa um desvio e não o termo de uma evolução, ela pode ser corrigida. E é na verdade o que acontece. A medida que se eleva na escala social ou que recebe instrução, vai o negro, o mulato, o matuto ou o urbano atrasado falando melhor, flexionando os nomes e os verbos. Verifica-se com muita frequência o fenômeno entre as alunas roceiras dos colégios do interior. Ficam elas não raro expressando-se melhor que muita gente culta".

Neste fato enunciativo, temos também um discurso, no qual a autorrepresentação do dizer apresenta-se de forma transparente. Tem-se primeiro o discurso do primeiro enunciador, o pesquisador em: *Cabe aqui dizer [...]*; e logo após esse discurso, tem-se o do teórico, que comparece marcado pelo uso das aspas. Registra-se assim uma escrita que marca fronteiras do dizer. O dizer do pesquisador apresenta-se localmente confrontado, não coincidente consigo mesmo, demonstrando a fronteira entre o discurso interior (pesquisador) e o exterior (teórico). Isso aponta para uma não responsabilidade do enunciador. Desse modo, o pesquisador não se implica com o dito; ele é posto para assegurar uma afirmação.

Acerca disso Authier-Revuz afirma:

As aspas são [...] em um discurso algo como o eco de seu encontro com o exterior. Apesar dos termos interior/exterior, borda, fronteira, esse encontro não se faz segundo uma linha de justaposição, mas numa forma de zona de interação, de imbricação, de invasão. É nesse sentido que digo que as aspas se fazem “sobre bordas”, que há “trabalho na borda” de um discurso de formação de aspas. (2004, p. 229).

Nas palavras da autora, as aspas designam a zona de separação entre os discursos do um e do outro, mas, ao mesmo tempo, há também a interação entre os dizeres, a qual possibilita que o dizer se constitua a partir de um outro.

O sujeito enunciador, assim como no fragmento de TP1/1979, apresenta-se como efeito da linguagem, pois ele comparece dividido, clivado, apesar de interagir com o já dito, a representação do dizer apresenta-se como formas isoláveis do dizer

Observamos agora o fato enunciativo (03) de TP3.

TP3/2004: A argumentação apresentada pelos campineiros, *ou seja*, de que possuem uma fala “intermediária” entre o interior paulista e a capital, poderia ser comparada à argumentação, apontada no trabalho de Barbosa (2002), dos brasilienses, em cujos depoimentos *afirmam possuir um falar sem sotaque, não marcado*. No caso dos brasilienses, a autora *afirma que há, por parte da elite de Brasília, um interesse em se destacar nacionalmente e, definindo-se como uma cidade sem sotaque, marca a sua diferença atingindo assim o seu objetivo*. No caso dos campineiros, *podemos* postular que há o interesse destes em se destacar do interior paulista, e, para isso, argumentam que possuem uma pronúncia menos marcada, ou “intermediária”.

No fato enunciativo do TP3, tem-se, logo de início, uma forma de reformulação do dizer – *ou seja*, indicando duplicação da ordem argumentativa que opera entre um dizer anterior e uma possível explicação desse dizer. Nesse jogo de palavras, não há bloqueio da sinonímia. O significante “argumentação” comparece com o seu “real” significado: *uma fala intermediária entre o interior paulista e a capital*.

No fragmento seguinte, o enunciador pesquisador relacionar o seu discurso com o dizer do teórico (Barbosa). Podemos dizer que houve nesse entrelaçamento do discurso, uma negociação entre o discurso pré-construído, dizer da formação discursiva, o qual reside no fato de que algo fala sempre antes, discurso da interpelação ideológica que impõe a realidade o seu sentido, determinando o mundo das coisas; e articulação entre esses dizeres que constitui o sujeito e sua relação com o sentido. É na articulação que o sujeito se constitui na sua relação com o sentido. Tornando-se sujeito efeito ou origem de sentido no campo discursivo.

Configuramos também no fato enunciativo do TP3, a fronteira entre os dizeres do pesquisado e do teórico, assim como no fato do TP2. No segmento: “No caso dos brasilienses, a autora *afirma*[...]. Há uma ruptura entre o discurso do um (pesquisador) e o do outro (teórico). Isso é realizado pela construção do discurso relatado indireto.

Na sequência desse fato enunciativo, observamos formas reflexivas do dizer, nas quais o enunciador utiliza para fazer a injunção em “*podemos* postular que há o interesse destes em se destacar do interior paulista”. O verbo *podemos* indica que o enunciador instaura explicitamente uma enunciação conjunta, isto é, a de um – “nós” – falando em uma única voz. O enunciador-pesquisador apaga a não coincidência entre o eu e o tu “anexando” o outro ao seu próprio querer, configurando o discurso como fonte das palavras escolhidas por ele.

Toda essa cena enunciativa conduz a acreditar, a partir desse excerto, que o autor-pesquisador relaciona sua investigação a um dado já verificado em outro lugar pelo teórico que toma como referência. Desse modo, o discurso representar um conhecimento, pois parte de algo já verificável em outro lugar.

Vejamos a seguir o fato enunciativo (04) de TP4.

TP4/2012: *Fica evidente* o quão custoso é para esses materiais didáticos apostilados, destinados ao ensino de língua portuguesa, assumir uma postura francamente sociolinguística em relação às variedades linguísticas. *A aliança com os ideais de uma classe média alta, linguisticamente reacionária, que se recusa a compreender que uma*

língua viva varia e muda incessantemente, é certamente um ingrediente que pesa na opção pelo viés interpretativo da gramática tradicional. Nesse contexto educacional, a desadesão ao discurso gramatical *poderia* ser mal-entendida, comprometendo a reputação e a credibilidade da instituição diante daqueles pais que, convictamente, enviam seus filhos à escola particular para aprenderem a falar e escrever corretamente.

Na sequência deste fato enunciativo visualizamos a construção discursiva com utilização de formas reflexivas do dizer, nas quais o enunciador faz um comentário metaenunciativo de um já dito, ou seja, do que ficou evidente na investigação realizada. Observamos isso a partir da expressão “Fica evidente [...]”, há aqui um comentário iniciado com um retorno reflexivo sobre um dizer anterior. Nesse comentário, o enunciador representa seu dizer apresentando como um reflexo direto do real do processo enunciativo.

Na parte marcada em itálico (*A aliança com os ideais de uma classe média alta, linguisticamente reacionária, [...]*) tem-se uma configuração do dizer em que a enunciação comparece de forma desdobrada, na qual há também um retorno a um discurso exterior, constituído por formas de autorrepresentação. Nesse fragmento, o discurso se apresenta de forma opaca. Podemos nessa cena enunciativa, relacionar ao esquecimento nº 1 postulado por Pechêux (2010), no qual o sujeito coloca-se como origem do que enuncia, como fonte do dizer. De forma inconsciente e ideológica, o sujeito suprime qualquer elemento que remete ao exterior de sua formação discursiva, instituindo a *ilusão de ser o um*, isso acontece por motivo que os sentidos não se originam dele.

No seguimento enunciativo – *Nesse contexto educacional, a desadesão ao discurso gramatical poderia ser mal-entendida, [...]*, caracterizaríamos como um discurso em que há uma não coincidência entre as palavras e as coisas, pois há nessa cena enunciativa, um jogo reflexivo de palavras em que o pesquisador negocia com as palavras que representam uma enunciação entre um dizer e um não dizer. Expressões que se apresentam como constitutiva do discurso, já que tratam da oposição entre a língua e as infinitas singularidades de nomear o real, ou melhor, de *capturar o objeto pela letra*. Vejamos o que Milner afirma acerca do real:

Suponhamos que de fato haja real – o que aliás nenhuma lógica saberia impor – : tudo o que o sujeito, se ele o encontra, demanda, é que de qualquer maneira uma representação seja possível: somente a este preço pelo qual o imaginário o espólio, o sujeito poderá suporta o que, por si mesmo, lhe escapa. Para tanto, há duas condições: que para o sujeito tenha o repetível e que este repetível faça rede. Pela primeira funda-se toda escrita; pela segunda, toda escrita adquire a consistência do representável. (1987, p. 20)

As duas condições mencionadas pelo autor, na nossa concepção, é que representa o processo de escrita, o qual relacionamos como representação ou como produção de conhecimento. Quando o autor refere-se ao campo do repetível, entendemos que todo discurso parte de um já dito, surge a partir da representação discursiva do outro, e quando relaciona o repetível à rede, refere-se à relação ao encadeamento das palavras no discurso e este numa cena enunciativa para então ganhar novos significados. Toda escrita parte de outra e ganha representatividade por meio da relação com o discurso outro. Assim, pensamos que a produção de conhecimento surge de uma indagação acerca de um dado já existente, para então ganhar novos significados a partir de uma investigação bem elaborada.

Dentre as formas reflexivas analisadas dos fatos enunciativos dos trabalhos de pesquisa, observamos que o discurso da sociolinguística apresenta-se por meio de formas

reflexivas do dizer, que por vezes aparecem marcadas e não marcadas e que indiciam uma representação do discurso de forma transparente ou opaca.

Nos fatos enunciativos do TP1 e do TP2, o discurso é constituído de forma transparente do dizer, no qual a escrita do enunciado tende a representar um dizer outro ou a marcar fronteiras entre esses dizeres. Nos TP3 e TP4, o discurso comparece de forma reflexiva, como autorrepresentação do dizer. Nossos resultados são preliminares, uma vez que esta é uma amostra de uma pesquisa em andamento.

Dentre as marcas que encontramos como característicos de cada discurso impresso nos fatos enunciativos analisados nas dissertações acerca da sociolinguística e defendidas nas diferentes décadas destacamos: a conjunção “para”, que semanticamente indica uma finalidade no discurso de TP1, mostra o discurso do um (pesquisador) perpassado pelo dizer do outro (teórico), o verbo “parece”, indica a possibilidade incerta de uma conclusão.

Na escrita de TP2, observa-se o uso das aspas e o verbo “afirma” indiciando a fronteira entre dois discursos.

No TP3, tem-se uma expressão de reformulação “ou seja”, essa forma pode, possivelmente, indiciar um discurso em que o sujeito venha se materializar, por meio das relações que estabelece com o dizer outro. E o verbo flexionado em “podemos”, permite mostrar que o enunciador convoca locutores do discurso a coenunciar conjuntamente. São marcas que mostram discurso fonte do dizer.

No TP4, verificamos marcas como “Fica evidente”, expressão característica de quem faz um retorno metaenunciativo, para então formular um discurso chamado de seu, entretanto algumas vezes o enunciador apenas representa um dizer, e o verbo “poderia”, que estabelece uma não coincidência entre o que se quer dizer com que foi o dito.

3 O discurso da sociolinguística impresso nas dissertações de mestrado

O discurso constitui-se por meio do acontecimento enunciativo e de discursos outros, que se transformam e modificam-se, ou melhor, é a partir de um discurso dado que se constituem outros discursos. Isso porque os discursos estão inseridos no campo da formação discursiva. Esse campo envolve um conjunto de elementos, cuja presença é constitutiva de toda formação discursiva e reflete o que se denomina de produção do discurso.

Neste sentido, o discurso apresenta-se relevante para se compreender as mudanças históricas e sociais específicas. O aspecto histórico é quem vai ser responsável pela transformação social dos sujeitos entre sujeitos e dos grupos de sujeitos como movimento contínuo e descontínuo na linha do tempo, que culmina na constituição de outros discursos, outros grupos sociais, bem como para a formação de novos discursos. É a história que determina a natureza dos processos de produção do discurso, também nomeado de *prática discursiva*. No campo da prática social, o discurso quando produzido e interpretado, estabelece uma ação social em um contexto situacional e historicamente determinado. Nesse âmbito, a formação de um novo discurso é resultado da combinação de diferentes discursos. (FOUCAULT, 2008)

O discurso, para Foucault, pode desloca-se de uma formação discursiva para outra, ou seja, o enunciado pode torna-se outro.

Pêcheux (2010) toma o conceito de Foucault, e acrescenta a ele a preocupação com a ideologia quando considera o discurso como efeito de sentido entre os interlocutores, pois o sujeito ao formular um dizer, é atravessado pelo interdiscurso, isto é, toma uma posição, se inscreve num já dito, numa memória discursiva que o antecede, que é independente da sua vontade e que traduz as relações de poder constituídas histórica e ideologicamente. O

funcionamento da instância ideológica produz, pelo processo de interpelação, um assujeitamento ideológico que constitui o próprio sujeito enquanto forma-sujeito – forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais.

Assim para o autor, o sujeito se constitui pelo atravessamento da formação discursiva, pois ela se configura em uma dada formação ideológica. A posição sujeito é determinada pelas relações de poder e de saber que constitui cada classe social. É a formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito, ou melhor, o sentido das palavras, das expressões ou das proposições que estão condicionados à formação discursiva, na qual são produzidos.

Nesse contexto, entendemos que o discurso da sociolinguística presente nos fragmentos de TP1/1978, TP2/1983, TP3/2004 e TP4/2012 está condicionado ao contexto sociocultural e ideológico no qual foi produzido, pois observando-se o percurso dos estudos linguísticos no que refere-se a essa área, vemos que antes da década de 70, as pesquisas levavam em conta a comparação de dados históricos da língua. Centravam-se na *teoria neogramática da mudança linguística*, cujas análises tinham como princípio a comparação entre itens lexicais determinados para estabelecer as diferenças entre as línguas ou para se chegar à determinação do parentesco existente entre elas. Já no final da década de 1970 e início da década de 1980, há a consolidação da *teoria da variação e mudança*, postulada por Labov, e de grandes transformações linguísticas que propunham respeito às variedades dialetais dos sujeitos e a observação da relação entre seus falares e o contexto social de suas produções. E na década de 2000, a sociolinguística entra como a área que se preocupa com a heterogeneidade da língua, postulando que variação e a mudança linguística ocorrem em diversos aspectos da sociedade. Compreende-se que o fator de variação linguística está ligado à má distribuição de renda, consequentemente ao acesso restrito da população pobre aos bens da cultura dominante. Assim, a linguagem é vista mais veementemente como parte de um contexto social. As pesquisas sociolinguísticas começam então a focar, mais precisamente no âmbito da escola, o “preconceito linguístico”, a distinção entre as formas de prestígio da língua e forma relativamente neutra, o fenômeno socialmente estigmatizado e o fenômeno imune à estigmatização, os fenômenos que são objetos de ensino escolar e os que escapam à atenção normativa da escola.

Desse modo, podemos perceber que o discurso impresso na escrita dos excertos dos trabalhos de pesquisas analisados neste estudo segue a proposta da sociolinguística distinta de cada década. No TP1/1979, quando o pesquisador enuncia: “Esta última observação que fizemos e com relação aos informantes mais velhos de oitava série *parece coerente com os resultados de Labov (1979) com falantes de Nova York de referência ao processo de aquisição do inglês padrão*”, há uma interpelação histórica e ideológica, utilizando-se do dizer do outro para confirma o seu dizer. O sujeito comparece como agente das práticas sociais.

No TP3/1983, o pesquisador ancora-se na metodologia proposta por Labov, conforme observamos no fragmento (5) que segue:

TP3/1983 - A escolha dos informantes foi baseada numa perspectiva de tipo sociolinguística que levasse em conta a variação de sexo e idade. Somente como elemento de comparação, lembramos o estudo de Labov, *The Social Motivation of a Sound Change in the island of Martha's Vineyard*, a quem a sociolinguística deve a elaboração e testes das técnicas de investigação das relações entre fatores sociais e variantes linguísticas.

Quando o pesquisador menciona que a pesquisa foi baseada numa perspectiva de tipo sociolinguística. A pesquisa focou-se no estudo da língua não dissociada do contexto da cultura e da sociedade, preocupando-se com as variações do sistema linguístico. Empenha-se em

descobrir a covariação sistemática entre a estrutura linguística e as variações causadas pelas situações linguística e as variações causadas pela situação geográfica da comunidade. Relaciona o objeto pesquisado ao do outro (teórico) quando afirma: *constitui a nota típica da Linguagem popular brasileira. Sobre este assunto diz Gladstone Chaves de Melo [...]*.

O TP3/2004 visa identificar e analisar as atitudes linguísticas de alguns estudantes diante do seu próprio dialeto, particularmente em relação à pronúncia do /r/ retroflexo. O pesquisador no excerto (3) descrito no item anterior, relaciona a conclusão da investigação à conclusão do teórico Barbosa (2002). Percebemos isso no dizer: *A argumentação apresentada pelos campineiros, ou seja, de que possuem uma fala “intermediária” entre o interior paulista e a capital, poderia ser comparada à argumentação, apontada no trabalho de Barbosa.*

O TP4/2012 investiga a relação do material didático, ou seja, das apostilas utilizadas no terceiro ano de uma grande escola privada de ensino médio na cidade de Cuiabá-MT, com as políticas linguísticas favoráveis à concepção do português como uma língua plural. Percebemos que o dizer, nessa pesquisa, difere das outras, pois discurso é apesar de perpassado por outros dizeres, de ser interpelado por um já dito; é resultado de uma combinação de diferentes discursos, formando um novo dizer. Apesar de ser ideologicamente marcado pelo sistema social e cultural em que está inserido.

Portanto, depreendemos a partir dos excertos analisados dos trabalhos de pesquisas que o discurso não tende a variar, embora tenha-se percebido um certo distanciamento da configuração discursiva em TP4/2012. Os outros três trabalhos seguem a mesma linha, isto é, buscam no objeto pesquisado pontos de semelhanças com outros objetos já estudados por renomados teóricos.

Considerações

Este texto teve como objetivo analisar o discurso que está impresso na escrita de dissertação de mestrado acerca da sociolinguística para buscar marcas de produção de conhecimento ou de sua representação e, também verificar se houve mudança na escrita desse discurso ao longo do período em que os trabalhos de pesquisa foram defendidos. Para isso, recorreremos ao interdiscurso, às formas de autorrepresentação do dizer, à formação discursiva, na qual o discurso desloca-se para outro, formando um outro enunciado.

Dessa forma, pôde-se perceber que o discurso impresso nos TP1/1979 e TP2/1983 apresenta-se como uma representação do dizer, e as marcas encontradas que caracterizam esse enunciado são: o conector *para* indicando finalidade, o verbo *parece*, indicando uma possibilidade e o verbo *afirma* que marca a fronteira entre duas escritas. Além disso, as análises dos fatos enunciativos apontam para pesquisas que representam o conhecimento. Nos TP3/2004 e TP4/2012, o discurso é constituído por meio de expressões de autorrepresentação do dizer. Nessas pesquisas, apenas no TP4/2012, há uma combinação de discursos, os quais demonstram haver a possibilidade de uma produção discursiva.

Sobre a variação do discurso acerca da sociolinguística, as análises apontam para uma probabilidade de constância em relação aos dados pesquisados, isto é, nas pesquisas em sociolinguísticas apresentam-se um objeto a ser investigado, o qual já foi pesquisado por um teórico, para tomá-lo como referência.

A escrita dos fatos enunciativos geralmente segue um estilo, uma forma de escrever típica da área da sociolinguística. Nesse processo, o pesquisador é interpelado pelas formações ideológicas, socioculturais e históricas.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. A. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____, *Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baete Neves. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2008.

MILNER, Jean-Clauder. *O amor a língua*. Trad. Cristina Jesuino. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

PÊCHEX, Michel. *Semântica do Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 4^a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *A Análise de Discurso: três épocas*. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. 311-318.

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>